

XVIII

VIGILANTI CURA

1. Ao acompanhar com vigilante atenção, como exige o nosso dever pastoral, a ação benéfica dos nossos irmãos no episcopado e de todo o povo fiel, foi-nos sumamente grato conhecer os frutos que já obteve e os progressos que continua fazendo, aquela providencial empresa há dois anos principiada, como uma nova cruzada, contra os abusos das representações cinematográficas, confiada em modo particular à chamada “Legião da Decência”.

2. Esta magnífica experiência oferece-nos agora uma feliz oportunidade, para manifestar com maior amplitude o nosso pensamento, sobre um assunto que interessa de perto à vida moral e religiosa de todo o povo cristão.

Antes de tudo manifestamos a nossa gratidão à hierarquia dos Estados Unidos e aos seus fiéis cooperadores, pela importante obra já realizada pela “Legião da Decência” sob a sua direção e guia. E o nosso reconhecimento é tanto mais vivo, quanto mais importante era a angústia que sentíamos ao verificar cada dia os tristes progressos — *magni passus extra viam* — da arte e da indústria cinematográfica na representação do pecado e do vício.

I

3. Sempre que se tem apresentado a ocasião, consideramos obrigação do nosso altíssimo cargo, chamar sobre isto a atenção, não somente do episcopado e do clero, mas de todas as pessoas retas e cuidadosas do bem público.

4. Já na encíclica *Divini illius Magistri* lamentamos que “estes poderosíssimos meios de divulgação (como o cinematógrafo) que podem redundar, se bem governados pelos sãos princípios, em grande proveito para a educação e instrução, aparecem, lamentavelmente, muitas vezes, subordinados ao incentivo das más paixões e à cupidez do lucro”.¹ Em agosto de 1934, dirigimo-nos a uma representação da Federação Internacional da imprensa cinematográfica, depois de ter notado a altíssima importância que este gênero de espetáculos tomou nos nossos dias, e a profundíssima influência que exercita, tanto em promover o bem como em ensinar o mal, recordávamos aos fiéis que é necessário aplicar também ao cinema, para que não atente continuamente contra a moral cristã, ou simplesmente humana, segundo a lei natural, a norma suprema que deve reger e regular o grande dom da arte. Ora, a arte tem como finalidade essencial, e como a sua mesma maneira de ser, a de aperfeiçoar devidamente o homem em probidade moral, e por isso deve ser moral ela própria. E concluíamos pela clara aprovação daquelas distintas personalidades — ainda nos é grato recordá-lo — com recomendar a necessidade de tornar o cinematógrafo “moral, moralizador, educador”.

5. E ainda mais recentemente, isto é, em abril do ano corrente, recebendo em grata audiência um grupo de delegados do Congresso Internacional da imprensa cinematográfica, reunido em Roma, esboçamos de novo a gravidade do problema: fervidamente exortamos todas as pessoas de boa vontade, não só em nome da religião, mas também em nome do verdadeiro bem-estar moral e civil dos povos, para que se esforçassem com todos os poderes e meios, que tivessem na sua mão, como precisamente a imprensa, a fim de que o cinematógrafo possa converter-se verdadeiramente num coeficiente precioso de instrução e de educação, e não de destruição, de ruína para as almas.

6. Mas, o assunto é de tal gravidade, por si mesmo e pelas condições presentes da sociedade, que julgamos necessário voltar a ele, não só com particulares recomendações, como nas ocasiões precedentes, mas com caráter universal, correspondente às necessidades não só das vossas dioceses, veneráveis irmãos, mas de todo o orbe católico.

É, com efeito, necessário e até urgente providenciar para que também neste particular os progressos da arte, da ciência e da própria técnica e indústria humana, visto serem verdadeiramente dons de Deus, por isso sejam subordinados à glória de Deus e à salvação das almas e sirvam praticamente para a extensão do reino de Deus na terra, a fim de que todos, como nos manda orar a Igreja, nos aproveitemos desses dons, de modo a não perder os bens eternos: *sic transeamus per bona temporalia ut non amittamus aeterna*.²

7. Ora, é certo e por todos facilmente verificado que os progressos da arte e da indústria cinematográfica, quanto mais maravilhosos se tinham tornado, tanto mais perniciosos e mortais se mostravam para a moralidade, para a religião e até para a própria honestidade da convivência civil.

8. Isto mesmo reconheceram os próprios diretores da indústria cinematográfica nos Estados Unidos, quando confessaram a sua responsabilidade perante o público e diante de toda a sociedade; enquanto que, em março de 1930, com uma deliberação tomada de comum acordo, solenemente sancionada com as suas assinaturas e promulgada pela imprensa diária, tomaram conjuntamente um compromisso solene, de defender no futuro a moralidade dos frequentadores do cinematógrafo.

Neste código fazia-se a promessa de que não se produziria jamais película alguma apta para rebaixar o nível moral dos espectadores ou capaz de desacreditar a lei natural e humana, ou de provocar simpatia pela sua violação.

9. No entanto, apesar duma tão avisada determinação, espontaneamente tomada, os responsáveis mostraram-se impotentes para a realizar e os produtores apareceram indispostos a obedecer aos princípios que se tinham obrigado a observar. Tendo-se mostrado tão escassamente eficaz o empenho referido, e continuando no cinema a exibição do vício e do crime, parecia definitivamente fechado o caminho para a recreação honesta mediante a visão cinematográfica.

10. No meio desta crise, fostes vós, veneráveis irmãos, os primeiros a estudar como se poderiam defender as almas dos que foram confiados aos vossos cuidados, e destes início à “Legião da Decência”, como a uma cruzada para a moralidade pública, destinada a reavivar os ideais da honestidade natural e cristã. Longe de vós qualquer pensamento de prejudicar a indústria cinematográfica; antes diretamente a salvastes da ruína a que estão expostos os meios recreativos que vão degenerando em corrupção da arte.

11. As vossas diretrizes suscitaram a pronta e devota adesão dos vossos fiéis; e milhões de católicos americanos subscreveram o compromisso da “Legião da Decência”, obrigando-se a não assistir a qualquer representação cinematográfica que redunde em ofensa da moral católica e duma correta norma de vida. Assim, podemos declarar com alegria que poucos problemas dos últimos tempos uniram tão intimamente os Bispos e o povo, como tal colaboração com esta santa cruzada.

12. E não somente os católicos, mas notáveis protestantes, israelitas e muitos outros, acataram a vossa iniciativa e se uniram aos vossos esforços para reconduzir o cinema a mais sábias normas, artísticas e morais. É-nos de suma consolação assinalar o notável sucesso da cruzada, porque o cinema, sob a vossa vigilância e sob a pressão exercida pela opinião pública, apresentou um certo melhoramento pelo lado moral. Os delitos e os vícios são menos freqüentemente representados; o pecado já não é tão abertamente aprovado e aclamado; não se apresentaram mais, de modo tão desavergonhado, falsas normas de vida ao ânimo tão sugestionável da juventude.

13. Embora em certos meios se anunciasse que as qualidades artísticas do cinema seriam gravemente prejudicadas pelas insistências da “Legião da Decência”, parece todavia que acontece precisamente o contrário.

14. Desse modo, ela deu não pequeno impulso aos esforços para encaminhar cada vez mais o cinematógrafo para a nobreza de ideais artísticos, orientando para a produção de obras clássicas e para criações originais de invulgar valor.

15. E nem os fundos financeiros da indústria cinematográfica sequer sentiram dano, como tinha sido gratuitamente anunciado, visto que, muitos que viviam afastados do cinematógrafo pelas ofensas à moral, voltaram a freqüentá-lo quando puderam ver projetadas cenas honestas, não ofensivas dos bons costumes, nem perigosas para a virtude cristã.

16. Quando se iniciou a vossa cruzada, afirmou-se que os seus esforços haviam de ser pouco duradouros e os efeitos inteiramente transitórios, porque diminuindo pouco a pouco a vigilância dos bispos e dos fiéis, os realizadores ficariam novamente à vontade para voltar aos métodos antigos. É fácil entender porque é que alguns destes desejam poder voltar às tramas equívocas que excitam as paixões baixas e que vós justamente proscrevestes. Enquanto a produção de imagens realmente artísticas, de atitudes humanas virtuosas, requer esforço intelectual, trabalho, habilidade e muitas vezes mais notável dispêndio, ao contrário é muitas vezes

relativamente fácil provocar o concurso de certas pessoas e categorias sociais com representações que incendeiam as paixões e despertam os instintos inferiores, latentes nos corações humanos.

17. Mas uma incessante e universal vigilância deve por fim convencer os produtores, que não se deu início à “Legião da Decência” como a uma cruzada de breve duração, que possa ser depressa descurada e esquecida, mas que os bispos dos Estados Unidos estão resolvidos a defender a todo custo a moralidade da recreação do povo, em todo o tempo e sob qualquer forma que seja.

II

18. Com efeito, a recreação, nas suas variadas formas, tornou-se definitivamente uma necessidade para a gente que se afadiga nas ocupações da vida, mas ela deve ser digna do homem racional e, portanto, sã e moral, deve elevar-se ao grau dum fator positivo de bem e suscitador de nobres sentimentos. Um povo que nos seus momentos de repouso se dedica a divertimentos que ofendem o reto conceito da decência, da honra, da moral, e a recreações que constituem ocasião de pecado, especialmente para os jovens, encontra-se em grave perigo de perder a sua grandeza e a sua própria potência nacional.

19. É indiscutível que entre os divertimentos modernos o cinema tomou nos últimos anos uma categoria de importância universal.

É ocioso fazer notar como se contam aos milhões as pessoas que assistem diariamente às representações cinematográficas, como sempre em maior número se vão abrindo as salas para tais espetáculos, entre todos os povos civis ou semicivilizados; como enfim o “cinematógrafo” se transformou na forma mais popular de divertimento que se oferece para os momentos de ócio, não somente aos ricos, mas a todas as classes da sociedade.

20. Por outro lado, não se encontra hoje meio mais potente do que o cinema para exercer influxo sobre as multidões, quer pela própria natureza da imagem projetada na tela, quer enfim pela popularidade do espetáculo cinematográfico e pelas circunstâncias que o acompanham.

21. O poder do cinematógrafo está em que ele fala por meio da imagem. Esta é recebida com gosto e sem fadiga de alma, mesmo que seja rude e primitiva, que não teria a capacidade nem sequer o desejo de exercer o esforço de abstração ou de dedução que acompanham o raciocínio. Mesmo o ler ou escutar requerem um esforço, que na visão cinematográfica é substituído pelo prazer continuado na sucessão da imagem concreta, e, por assim dizer, viva. No cinema sonoro, esta potência aumenta, porque a interpretação dos fatos torna-se ainda mais fácil e a fascinação da obra musical funde-se com a ação dramática.

22. Infelizmente os bailes e as “variedades”, que se introduzem arbitrariamente nos intervalos, acrescentam a excitação das paixões.

23. Visto que a cinematografia é verdadeiramente lição de coisas, que ensinam para bem ou para mal, mais eficazmente importa que ela seja elevada aos fins duma consciência cristã e libertada dos efeitos depravados e desmoralizadores.

24. Todos sabem os males que produzem nas almas os maus cinemas. Tornam-se ocasião de pecado; induzem os jovens para os caminhos do mal, porque são a glorificação das paixões; apresentam a vida sob uma luz falsa e ilusória; obscurecem as idéias; destroem o amor puro, o respeito pelo matrimônio, o afeto pela família. Podem outrossim, criar facilmente preconceitos entre os indivíduos e desavenças entre as nações, entre as classes sociais, entre raças inteiras.

25. Por outro lado, as boas representações podem, ao contrário, exercer uma influência profundamente moralizadora sobre aqueles que as contemplam. Além de recrear, podem suscitar novos ideais de vida, difundir lições preciosas, fornecer maiores conhecimentos da história e das belezas do próprio e dos outros países, criar, ou pelo menos fornecer uma justa compreensão entre as nações, as classes sociais e as raças, promover a causa da justiça, realçar o fulgor da virtude e contribuir, como forte auxílio, para o melhoramento moral e social do mundo.

26. Estas considerações adquirem muito maior importância, visto o cinema falar, não a cada um em particular, mas às multidões, e em circunstâncias de tempo, de lugar, de ambiente, sobretudo, propícias a suscitar

extraordinário entusiasmo para o bem, como para o mal, e conduzir àquela exaltação coletiva que pode atingir — como a experiência tristemente o ensina — formas absolutamente mórbidas.

27. As imagens cinematográficas mostram-se, com efeito, a gente que se encontra assentada num teatro escuro e que tem as faculdades físicas, e muitas vezes também as intelectuais, relaxadas. Não é necessário ir muito longe para encontrar essas salas: elas estão contíguas às casas, às igrejas, e às escolas do povo, levando assim o cinematógrafo até ao verdadeiro centro da vida popular.

28. Além disso, muitas figuras representadas no cinema, são desempenhadas por homens e mulheres escolhidos pela sua arte e por todos aqueles dotes naturais e pelo uso daqueles expedientes que podem ainda tornar-se meio de sedução sobretudo para a juventude. O cinema reclama, ainda por cima, para o seu serviço, o luxo da sala e o agradável da música, o vigor realista e toda a forma de caprichos extravagantes. E por isso mesmo a sua fascinação exerce-se com particular atração sobre os jovens, sobre os adolescentes e sobre a própria infância. Deste modo, precisamente na idade em que se está formando o senso moral e se vão desenvolvendo as noções e os sentimentos de justiça e de retidão, dos deveres e das obrigações, dos ideais da vida, o cinema, com a sua propaganda direta, toma uma posição decisivamente preponderante.

29. E infelizmente, no presente estado das coisas, toma-a freqüentemente para o mal. De modo que ao pensar em tamanha ruína das almas, de jovens e de crianças, em tantas inocências que se perdem dentro das salas de cinema, vem-nos à mente a terrível condenação de nosso Senhor contra os corruptores dos pequeninos: *Quem escandalizar um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que lhe atassem ao pescoço a mó que um asno faz girar, e que o lançassem ao mar.*³

30. É, portanto, uma das supremas necessidades do nosso tempo vigiar e trabalhar para que o cinematógrafo não continue a ser escola de corrupção, mas se transforme, ao contrário, em precioso instrumento de educação e elevação da humanidade.

31. E neste ponto notamos gostosamente que certo governo, preocupado com a influência do cinema no campo moral e educativo, instituiu, mediante pessoas sensatas e honestas, especialmente pais e mães de família, apropriadas comissões de censura, como constituiu também organismos de orientação da produção cinematográfica, procurando inspirá-la em obras nacionais de grandes poetas e escritores.

32. Portanto, se era sumamente justo e conveniente que vós, veneráveis irmãos, exercitásseis uma especial vigilância sobre a indústria cinematográfica do vosso país, que é particularmente progressiva e tem não pequena influência nas outras partes do mundo, é por outro lado dever dos bispos de todo o orbe católico, unir-se para vigiar sobre esta potente e universal forma de divertimento e ao mesmo tempo de ensinamento, para fazer valer como motivo de proibição a ofensa ao espírito cristão e aos seus princípios morais, não se cansando de combater quanto possa contribuir para atenuar no povo o sentido da virtude e da honra.

33. Tal obrigação compete não só aos bispos, mas também aos fiéis e a todos os homens honestos, que amam o decoro e a integridade da família, da nação, e em geral da sociedade humana.

III

34. Em que deve, pois, consistir esta vigilância?

O problema da produção das películas morais seria radicalmente resolvido se se pudesse conseguir uma produção cinematográfica plenamente informada pelos princípios da moral cristã.

35. Nunca será demasiado amplo o nosso louvor a todos aqueles que se têm dedicado, ou se hão-de dedicar, ao nobilíssimo intento de elevar a cinematografia aos fins da educação e às exigências da consciência cristã, entregando-se a este trabalho com competência de técnicos e não de amadores, para evitar todo o desbarato de tempo e de dinheiro.

36. Mas porque sabemos quão difícil seja organizar tal indústria, especialmente por motivos de ordem financeira, visto que, por outro lado, importa influir desde já sobre toda a produção, para que ela não exerça ação nociva aos fins religiosos, morais e sociais, é necessário, que os pastores de almas vigiem sobre as películas que são produzidas e oferecidas universalmente ao povo cristão.

37. Acerca da própria indústria das películas, nós exortamos os bispos de todos os países, mas em modo especial a vós, veneráveis irmãos, a que façais um apelo àqueles católicos que têm alguma participação nesta

indústria. Pensem eles seriamente nos seus deveres e nas responsabilidades que têm, como filhos da Igreja, para usarem da sua influência e autoridade, a fim de que os filmes que produzem ou ajudam a produzir, sejam conformes aos princípios da sã moral. O número dos católicos que são executores, diretores, autores ou atores de películas, não é tão insignificante, mas infelizmente a sua ingerência na produção delas não tem estado de acordo com a sua fé e com os seus ideais. Vós, veneráveis irmãos, bem andareis em exortá-los a que ponham a sua profissão de acordo com a sua consciência de homens respeitáveis e de sequazes de Jesus Cristo.

38. Também para este, como de resto para qualquer outro campo de apostolado, os pastores de almas encontrarão, por certo, ótimos cooperadores entre aqueles que militam nas fileiras da Ação católica, aos quais não podemos deixar de dirigir nesta carta, um apelo ardente, para que vos prestem toda a sua colaboração e a sua atividade, sem jamais se cansarem ou desanimarem.

39. De tempos em tempos, bem farão os bispos lembrar à indústria cinematográfica, que eles, entre os cuidados do seu ministério pastoral, devem também preocupar-se com todas as formas de honesta e sã recreação, pelo que são obrigados a responder perante Deus, pela moralidade do seu povo, mesmo quando se diverte. O seu ministério sagrado obriga-os a dizer clara e publicamente que um divertimento malsão e impuro destrói as fibras morais duma nação. Recordem ainda à indústria cinematográfica, que tudo quanto reclamam não interessa só aos católicos, mas a todo o público de cinema.

40. Em modo particular, vós, veneráveis irmãos dos Estados Unidos, justamente podeis insistir sobre isto que dizemos, por ter a indústria cinematográfica do vosso país reconhecido a sua própria responsabilidade perante a sociedade.

41. Procurem, pois, os bispos de todo o mundo, fazer ver aos industriais do cinema que uma força tão potente e universal pode ser utilmente orientada para um nobilíssimo escopo de levantamento individual e social.

42. Para que havemos, com efeito, de nos limitar a evitar o mal? Os filmes não devem constituir um mero divertimento nem ocupar somente horas frívolas e ociosas, mas podem e devem, com a sua força magnífica, iluminar e impulsionar positivamente ao bem.

43. E, agora, atendendo à importância da matéria, julgamos oportuno descer ainda a algumas indicações práticas. Antes de mais nada, como já tínhamos expressado, todos os pastores de almas hão de procurar obter dos seus fiéis que façam cada ano, como os seus irmãos americanos, a promessa de abster-se de ver filmes que ofendam a verdade e a moral cristã.

Este compromisso e este empenho pode obter-se de modo mais eficaz, por meio da igreja paroquial ou da escola, e com a solícita cooperação dos pais e das mães de família, cônscios das suas graves responsabilidades.

44. Os Bispos poderão também valer-se, para este fim, da imprensa católica, que ilustrará a beleza e a eficácia do compromisso de que se trata.

O cumprimento desta promessa exige que o povo conheça claramente quais os filmes lícitos para todos, quais os que são lícitos com reservas, e quais são os prejudiciais ou positivamente maus. Isto reclama a publicação de listas regulares, frequentes e cuidadas, dos filmes classificados, tornadas facilmente acessíveis a todos por meio de boletins especiais ou de outras publicações oportunas, como também pela imprensa católica diária.

45. Seria muito de desejar que se pudesse estabelecer uma lista única para todo o mundo, porque para todos vigora a mesma lei moral.

46. No entanto, tratando-se de representações que respeitam a todas as classes da sociedade, grandes e pequenos, doutos e ignorantes o juízo sobre uma película não pode ser sempre o mesmo em todos os casos e sob todos os aspectos. De fato as circunstâncias, os usos e as formas, variam nos vários países, por isso não parece prático estabelecer uma só lista para todo o mundo. Todavia, se em cada nação houver uma classificação dos filmes pelo modo acima indicado, esta oferecerá já a todos a norma requerida.

47. Para isto será necessário que, em cada país, os bispos criem um órgão permanente nacional de revisão, que possa promover os bons filmes, classificar os outros, e fazer chegar este juízo aos sacerdotes e aos fiéis. Isto será confiado muito oportunamente aos organismos centrais da Ação católica que depende dos exmos.

bispos. Em todo o caso, importa que fique bem estabelecido que o trabalho de indicação, para resultar eficaz e orgânico deve ser nacional e feito por um único centro responsável.

48. No caso em que gravíssimas razões o exigir verdadeiramente, os exmos. bispos na própria diocese, por meio das suas comissões diocesanas de vigilância, podem sobre a mesma lista nacional — que deve aplicar normas adaptáveis a toda a nação — fazer uso de critérios mais severos, como os pode reclamar a índole da região, censurando até películas admitidas na lista geral.

49. O mencionado secretariado cuidará, além disso, da organização das salas cinematográficas existentes junto das paróquias e das associações católicas, de modo a assegurar a estas salas, películas bem examinadas. Mediante a organização de tais salas, que para a indústria representa por vezes bons clientes, pode-se reivindicar um novo direito, ou seja, o de que a mesma indústria produza filmes plenamente correspondentes aos nossos princípios, os quais serão depois facilmente projetados, não só nas salas católicas, mas também nas outras.

50. Bem compreendemos que a montagem de tal órgão vai exigir certo sacrifício, certo dispêndio para os católicos de vários países. Todavia, a grande importância do cinema e a necessidade de defender a moralidade do povo cristão e também a moralidade de toda a nação, torna este sacrifício mais que justificado. A eficácia das nossas escolas, das nossas associações católicas e, ainda, das nossas igrejas, é minimizada e posta em perigo pela praga do cinema mau e pernicioso.

51. O órgão deve ser constituído por membros que tenham familiaridade com a técnica cinematográfica e que estejam, ao mesmo tempo, bem radicados nos princípios da moralidade e da doutrina católica; deverão, além disso, ter a guia e a assistência dum sacerdote escolhido pelos bispos.

52. Acordos oportunos, ou trocas de indicações e de informações entre os secretariados dos vários países, poderão tornar mais eficaz e harmônica a obra de revisão das películas, respeitando-se mesmo assim as diversas condições e circunstâncias. Assim se conseguirá unidade de orientação nos juízos e nas indicações da imprensa católica em todo o mundo.

53. Estes secretariados aproveitarão oportunamente não só das experiências feitas nos Estados Unidos, mas ainda do trabalho realizado no campo cinematográfico pelos católicos de outros países.

54. Mesmo que os membros deste secretariado, com todas as melhores intenções e disposições, caiam em algum defeito, como acontece em todas as coisas humanas, saberão os bispos, na sua prudência pastoral, remediá-lo do modo mais eficaz, e ao mesmo tempo defenderão quanto possível a autoridade e o bom nome do secretariado, reforçando-o com algum membro mais autorizado, ou substituindo os que se tivessem mostrado menos aptos para tão delicada missão.

55. Se todos os bispos aceitarem a sua quota-parte em exercitar tão pesada vigilância sobre o cinematógrafo — do que nós nem duvidamos, visto conhecermos bem o seu zelo pastoral — por certo realizarão uma grande obra para a defesa da moralidade do seu povo nas horas vagas e de recreação. Hão de ganhar a aprovação e a cooperação de todos os católicos, contribuindo, assim, para assegurar o levantamento desta grande potência internacional, que é a cinematografia, com o intento de promover os mais nobres ideais e as mais retas normas de vida.

56. Para valorizar, portanto, estes votos e aspirações que nos brotam do coração paterno, imploramos o auxílio da graça divina, em garantia da qual concedemos, com efusão de ânimo, a vós, veneráveis irmãos, ao clero e ao povo a vós confiado, a bênção apostólica.

Roma, dado em são Pedro, no dia 29 de junho, festa dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, de 1936, ano XV do nosso pontificado.

PIUS PP. XI